

“Metrô vai transformar Ceilândia”

Neto de europeus por parte de pai e mãe, Rogério Rosso veio para Brasília com um ano de idade. Hoje tem 36. Formou-se na própria Capital, em Direito, seguiu cursos de especialização, mas desde os 14 anos trabalhou em empresas privadas. Foi gerente da Mercedes Benz, gerente da Caterpillar, diretor do grupo Fiat, diretor do Vila Holding, vice-presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores. Em dezembro de 2002, era diretor de exportações da Fiat América Latina quando aceitou convite do governador Joaquim Roriz para ser secretário da Agência de Desenvolvimento Econômico e Comércio Exterior do DF. Deixou o cargo para assumir novo desafio: a Administração de Ceilândia, em que está desde 3 de agosto. Nessas condições, tem missões relevantes, como integrar efetivamente à vida da cidade o metrô que, para ele, será um divisor de águas econômico e social na Ceilândia. A cidade tem 500 mil habitantes – seria um dos mais populosos municípios do País – e por isso mesmo apresenta demandas importantes em áreas como segurança, saúde e emprego.

- Como é que surgiu seu vínculo com o governador Roriz e por que você acha que ele te chamou para o governo?

– A nossa relação vem antes até de o governador Joaquim Roriz ser um político dentro do DF. Minha esposa Karina já era amiga da Liliane, a filha caçula de Roriz, desde os anos 80. No fim de 1998 – essa é uma história que poucos sabem –, eu estava na equipe de transição de governo. Roriz me chamou para uma conversa porque sabia que eu tinha participado da instalação da fábrica da Mercedes-Benz em Juiz de Fora (MG), e que tinha conhecimento de todos os incentivos fiscais e programas de desenvolvimento do Brasil naquele momento. O governador se mostrava muito preocupado com a evasão de empresas que naquele momento ocorria no DF. Para isso a equipe dele precisava tomar uma atitude mais direta. Ele me apresentou ao então secretário de Indústria e Comércio, Lázaro Marques, e a partir daquele momento nos reunímos todos os fins de semana para desenvolver o programa de desenvolvimento que hoje se chama o Pro-DF.

- Por que você acha que o governador te chamou para ser secretário e depois te pediu para ocupar uma administração regional?

– Eu trabalhava com marketing na Fiat. Tive uma conversa com o governador dois dias depois do primeiro turno de 2002 e ele perguntou a minha opinião sobre o andamento da campanha. Fui sincero sobre aquilo que achava os pontos fortes e fracos, e o governador pediu então, que na medida do possível, eu integrasse à sua equipe de comunicação no segundo turno. O governador venceu graças a Deus e a um trabalho muito eficiente de comunicação, onde prevaleceram as ações e os programas do governo e não um embate pessoal. Tinha um convite da Fiat para trabalhar fora do Brasil, porém aceitei o convite para assumir a recém-criada Agência de Desenvolvimento Econômico e Comércio Exterior porque me atraiu o fato de que a agência não teria foco somente na indústria, comércio e serviços, como também no turismo, na agricultura, na tecnologia. Poderia ajudar o governador e o governo, colocando minha experiência do setor privado no setor público. Fiquei lá de janeiro de 2003 a julho de 2004. O governador acredita que a melhoria da qualidade de vida passa obrigatoriamente pelas cidades do DF. Tem demonstrado isso, descentralizando suas atividades e a sua política econômica, social e de infra-estrutura. Ele me convidou para assumir a maior cidade do DF, pedindo que priorizasse questões como a geração de empregos, em uma cidade em que há muitos jovens, uma força produtiva potencial que precisa ser trabalhada. É o que a gente tem feito.

- Como você imagina Ceilândia a partir da inauguração do Metrô?

– O metrô será um divisor de águas econômico e social na cidade, porque é o verdadeiro instrumento de integração de Ceilândia com o DF. A cidade tem o seu perfil econômico principalmente na micro e pequena indústria e no comércio, tanto varejista como atacadista, sendo que o varejista é muito forte. Mas Ceilândia tem sérios limites territoriais (ocupa apenas 5% da área mas detém 21% da população do DF). Então, você precisa dar oportunidades para que as pessoas venham para a Ceilândia (façam compras, estudem) e vice-versa. Uma cidade de 500 mil habitantes – 380 mil na área urbana e 120 mil na área rural, incluindo os condomínios – com um transporte eficiente, rápido e barato como o metrô dá muito mais oportunidades na questão da educação e do emprego. Para se ter uma idéia, apesar de ter mais de 90 escolas de ensino fundamental e médio, Ceilândia ainda carece do ensino superior.

- Em que ponto a inauguração do Metrô podem ajudá-lo nas metas traçadas no início da administração: primeiro arrumar a cidade e, depois, trabalhar muito na questão do emprego e da segurança?

– O governador tem a visão clara de que a força



ROSSO, na feira central da Ceilândia: nos fins de semana, ao invés de frear, a cidade acelera

econômica de Ceilândia precisa ser potencializada. Para isso, além do papel da administração de deixar a cidade limpa, iluminada, segura, está a questão econômica. A inauguração do Metrô, em 30 de junho de 2005, será o divisor de águas nesse sentido porque, de fato, vai concretizar essa necessidade de integração da cidade.

- Ceilândia sente falta de vida cultural, de lazer para os jovens. Quais são os planos para que a cidade passe a ter essas opções?

– Nesses quatro meses, o diagnóstico inicial é que a prioridade para 2005 na área de cultura é a construção de salas de cinema e de teatros. Então uma questão relevante para 2005 é o início de construção de um shopping center. Já estamos construindo o shopping popular [as obras foram iniciadas na quinta-feira], projeto antigo que resolve muitos problemas – desafoga o centro, melhora a segurança, melhora o trânsito de pedestres. Mas para você trazer um shopping center para Ceilândia, com salas de cinema e também teatro, você precisa mostrar para o empresário Ceilândia tem mercado consumidor. A Codeplan e a Secretaria de Planejamento realizaram recentemente a Pesquisa Distrital por Amostragem de Domicílio, fundamental para que a gente possa captar esses investidores. Já existem hoje grupos interessados, que já perceberam o potencial de mercado que existe. Além disso, Ceilândia é uma cidade que nos fins de semana, ao invés de frear, ela acelera, principalmente em função das feiras. Estamos implantando em cada uma delas uma área para shows. Há dois meses fizemos o primeiro carnaval fora de época da cidade, com 100 mil pessoas em três dias. E não houve nenhuma ocorrência policial. Isso nos dá muito orgulho e mostra a verdadeira face da cidade. Nós reformamos a Casa do Cantador, único prédio de Oscar Niemeyer fora do Plano Piloto, onde se reúne a cultura popular, principalmente nordestina.

- E as alternativas esportivas?

– Ceilândia respira várias modalidades, mas tem no seu DNA o futebol. São famosas as peladas de fim de semana e a liga independente, com mais de 200 clubes. Uma final de campeonato naqueles campos de terra chega a atrair 6 mil pessoas. Por isso, vamos fechar um contrato com a Caixa Econômica, por meio da Secretaria de Obras, para reformar o Estádio Abadião, principalmente no gramado e na iluminação, e algumas reformas em banheiros e ampliação de arquibancadas. Temos poucas praças esportivas mas, por outro lado, enfrentamos o problema de algumas invasões de áreas públicas remanescentes. Uma das idéias é a ocupação dessas áreas em prol da comunidade. Já estamos construindo quadras esportivas e, no Orçamento de 2005, existe a previsão de construção de dezenas de quadras.

- Com a experiência de quatro meses, o que você diria que é o melhor e o pior de Ceilândia?

– O melhor é a solidariedade que existe em cada

um da cidade, que teve uma origem muito bonita, recebendo as pessoas que não tinham onde morar. É uma cidade onde você conhece o seu vizinho, conhece a sua rua, o seu bairro. De pior é o estigma de violência e pobreza. Isso já passou há muitos anos. Temos 7 mil empresas, os índices de desemprego são bem menores do que a média do DF. Para se ter uma idéia, a Feira de Atacado do Produtor de Ceilândia tem praticamente o mesmo volume de comercialização do Ceasa. Temos empresas de desenvolvimento tecnológico que exportam seus produtos. A violência deve ser combatida, o governador está enviando agora no fim do ano uma frota nova de veículos para patrulhamento. Noventa por cento dos problemas de segurança na cidade estão diretamente ligados a drogas, principalmente à merla e ao álcool. E o público-alvo desses problemas é o jovem. Porém, os fatores positivos, maiores do que os negativos, não são tão bem divulgados. Posso antecipar ao JB que Ceilândia terminará o ano fora da lista das 10 mais violentas do DF, em termos proporcionais. Criando oportunidade de esporte, de lazer, de cultura, de emprego, com certeza nós estaremos reduzindo esses problemas de segurança.

- A convivência próximo com um líder político experimentado como Joaquim Roriz lhe traz que tipo de ensinamentos no dia-a-dia?

– O governador é um exemplo vivo de empreendedorismo aliado à conciliação, a uma visão de futuro muito grande. Tem o poder de escutar muito mais do que falar, não toma decisões precipitadas. Sempre é muito gentil. Por mais que receba pressão, nunca deixa de trabalhar. Ele ensina esse espírito de conciliação. Trabalha muito em time – o sucesso do governo é compartilhado com a equipe. O que eu sinto do governador é aprendo com ele é esse líder empreendedor, ciliador e com visão de futuro.

- Você tem enfrentado dificuldades no seu relacionamento com os deputados distritais, por causa de ciúmes políticos?

– Não temos um parlamentar da base governista que more em Ceilândia, mas existem distritais que tiveram boa votação na cidade. Isso facilita o nosso trabalho porque cada um tem uma atuação em alguma região, em algum segmento da sociedade. A gente trabalha bem de forma integrada e complementar. É uma grande ajuda. Por outro lado, é claro, por administrar uma cidade com quase 300 mil eleitores, você tem uma responsabilidade redobrada. Gera muito mais esforço, o que pode acarretar um certo desconforto para algumas pessoas, por acharem que estamos ocupando algum espaço. Mas Ceilândia tem maturidade para diferenciar aquele que, de fato, ajuda a cidade daquele que quer se aproveitar dela.

- O administrador hoje, é quase um “ouvintor da população”. Tem pouco poder de decisão na esfera do governo. O que você tem feito para ser mais um executor das necessidades de Ceilândia?

– Só tem um segredo: trabalhar integrado com toda a equipe de governo. A demanda diária da comunidade você consegue resolver com os equipamentos da administração. As médias e grandes, obrigatoriamente você só resolve e, parcerias com as secretarias, as empresas e os órgãos do GDF. É trabalhar integrado, colocando sempre as demandas de forma rápida, clara e objetiva.

- O que você vai estar fazendo em setembro de 2006?

– Penso, agora, exclusivamente na administração de Ceilândia. Esta é a minha função. Sobre meu futuro político, sempre coloco que, por ser absolutamente leal ao governador (o grande condutor das questões políticas), vou aguardar uma orientação naquilo que ele entender que seja o melhor para o grupo e para cidade e para nós mesmos. Espero que, em setembro de 2006, eu esteja engajado, não necessariamente como candidato, na campanha na campanha do grupo do governador para a continuidade desse trabalho que está sendo feito.

O governador Joaquim Roriz não toma decisões precipitadas e trabalha muito em time – o sucesso do governo é compartilhado com a equipe.



Ceilândia tem sérios limites territoriais, pois ocupa só 5% da área mas detém

21% da população do DF, o que desafios em áreas como Transportes.